

O BOOKTUBER COMO CRÍTICO LITERÁRIO: um estudo do canal *Literature-se*

Maritsa Sá Freire Costa (IC) e Maria Elisa Rodrigues Moreira (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Este artigo buscou contribuir para a discussão em torno da crise pela qual, acredita-se, está passando o campo da crítica literária na atualidade. Tal situação teria como principal razão os espaços de circulação da crítica, os quais estariam fortemente divididos entre a crítica acadêmica (sistemática e complexa) e a jornalística (superficial e volúvel). Para desenvolver a reflexão sobre o tema, optou-se por introduzir no debate a esfera pública digital, que representa hoje a internet, e mais especificamente as redes sociais, ao se propor a análise de um canal literário da plataforma YouTube: trata-se do *Literature-se*, criado em 2010 pela bacharela em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Mellory Ferraz Carrero (Mell Ferraz). Tendo por base uma metodologia que consistiu de pesquisa bibliográfica, sobre a crítica literária e seu desenvolvimento histórico no Brasil; de pesquisa descritiva, que envolveu a observação não participante de uma amostra de vídeos; e da utilização de método comparativo, segundo o qual ocorreu o cotejamento entre diferentes formatos de crítica literária (tradicional e contemporânea), foi possível, afinal, comprovar a hipótese de que o *booktuber* faz crítica literária e que este novo ator, num ambiente em consolidação, poderia ser a solução para a conjuntura retratada previamente.

Palavras-chave: Booktuber. Crítica Literária. Crise.

ABSTRACT

This article sought to contribute to the discussion around the crisis that the field of literary criticism is going through today. The main reason would be its circulation spaces, which would be deeply divided between academic criticism (systematic and complex) and journalistic one (superficial and fickle). In order to develop the reflection on the subject, it was decided to introduce the digital public sphere into the debate, which is the internet nowadays, and more specifically the social networks, by proposing the analysis of a literary channel on the YouTube platform: the *Literature-se*, created in 2010 by the bachelor in Literary Studies from the State University of Campinas (Unicamp) Mellory Ferraz Carrero (aka Mell Ferraz). Based on a methodology consisted of bibliographical research, on literary criticism and its historical development in Brazil, also a descriptive research, which involved non-participant observation of a sample of videos, and with the use of a comparative method, according to which occurred the comparison between different formats of literary criticism (traditional and contemporary), it was possible, after all, to prove the hypothesis that the *booktuber* indeed

makes literary criticism and this new actor, in an environment in consolidation, could be the solution to the situation portrayed before.

Keywords: Booktuber. Literary Criticism. Crisis.

É possível discutir Shakespeare de infinitas maneiras, mas nem todas são consideradas crítica literária. Talvez o próprio Shakespeare, seus amigos e atores, não falassem de suas peças tal como hoje consideramos a crítica literária. Talvez algumas das afirmações mais interessantes que se possam fazer sobre o drama shakespeariano também não fossem consideradas crítica literária.

Terry Eagleton, *Teoria da literatura: uma introdução*

1. INTRODUÇÃO

Após refletir sobre o questionamento presente no título de sua obra *O que é crítica literária?*, Fabio Akcelrud Durão convida seus leitores a “criticar” as ideias por ele apresentadas, e este artigo, resultante de pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida entre os anos de 2022 e 2023, propõe-se a colaborar com a discussão. O autor, resumidamente, aponta que a crítica literária é um campo repleto de contradições e desentendimentos e destaca que ele, na contemporaneidade, está em crise, especialmente em relação aos meios utilizados para sua circulação. Isto porque, a princípio, o fazer crítico estaria dividido entre uma crítica acadêmica sistemática e complexa e, por isso mesmo, restrita aos seus pares (e conseqüentemente de pouca circulação pública), e uma crítica literária publicada nos veículos de imprensa (jornais e revistas), a qual, por se direcionar a uma audiência mais ampla, é “superficial e volúvel” (Durão, 2016, p. 112). Embora tenha, a princípio, exposto a dificuldade em torno de uma definição, o autor decide caracterizar a crítica literária como um comentário explicativo-interpretativo sobre determinada obra que deve acontecer na esfera pública e que não pode prescindir de julgamento (ou seja, a questão do valor é inerente à atividade crítica). Outro aspecto abordado por Durão no livro é a relação entre crítica e internet. Ele admite que “[...] a internet apresenta-se como uma promessa de superação de tal estado de coisas, mas há razões de sobra para ceticismo” (Durão, 2016, p. 112). Ao final, ele acredita que a rede mundial de computadores tanto atrapalha a própria fruição literária (no sentido de que o meio digital estaria contribuindo para uma cultura excessivamente visual e episódica) quanto mantém aquela divisão inicial entre a crítica acadêmica e a crítica de jornal (feitas, agora, em ambiente online).

Trata-se de uma oportunidade para indagar se a crítica literária só aparece, no meio digital, em versões online de revistas científicas e de jornais, e mantendo a dicotomia “academia” versus “periódico”. Ou melhor, serão as resenhas elaboradas e postadas por *booktubers* ou *booktokers* crítica literária? Respondendo à provocação do autor, nossa hipótese era que sim, que essas produções poderiam ser consideradas crítica literária, com a particularidade de que, ao mesmo tempo em que se afastam do rigor e da complexidade da crítica acadêmica, também não podem ser consideradas como artificiais e superficiais, nem se restringem a meras campanhas publicitárias.

O termo “crítica” está presente nos dicionários tanto com seu sentido negativo, de discussão ou polêmica pouco propositivas, quanto com o sentido de atividade relacionada ao julgamento e à apreciação de uma obra de arte (não necessariamente algo pejorativo). O *Dicionário Houaiss* (2009), por exemplo, apresenta como definição para o verbete “crítico” tanto o “que julga, faz a apreciação, a crítica de obra de arte, ciência, comportamentos, costumes etc.” quanto o “que censura, deprecia, desaprova”. Paralelamente, a discussão em torno da crítica está também muito presente quando o assunto é a internet, de modo que, na área do debate público, reflete-se atualmente sobre sua relação com a democracia, mas principalmente sobre sua interferência em qualquer esfera da vida das pessoas. Realmente, existe uma facilidade de acesso a este espaço discursivo que permite que qualquer indivíduo se exponha numa esfera pública que é virtual, tanto na forma de imagens (como em redes fundamentalmente visuais, como o Instagram e o Tik Tok) como na forma de texto (como é o formato básico de comunicação no Twitter).

Ainda que muitos dos perfis nas redes sociais pareçam ter como intuito principal a geração de polêmicas, a qual mobiliza apenas o sentido negativo da palavra crítica, conforme mencionado anteriormente a partir da definição do *Dicionário Houaiss*, outros perfis parecem ter por objetivo um desejo de compartilhamento cultural e de formação de uma comunidade movida por interesses semelhantes, como indica a *booktuber* Mell Ferraz:

[...] precisava encontrar leitores com quem conversar sobre o que mais amo: os livros! Na internet, encontrei um grupo de apoio em uma época na qual eu não estava bem de saúde e me sentia bastante sozinha [...] Para mim, é um orgulho ter criado toda essa trajetória de incentivo à leitura, pois este é meu maior objetivo [...]. (Ferraz, 2021a)

Este desejo de constituir uma rede de formação de leitores a partir de publicações que versem sobre Literatura motivou a seleção de nosso corpus de pesquisa, de forma que dentre os produtores de conteúdo em redes sociais com o propósito mencionado optamos pelos *booktubers*, por entendermos que é no YouTube que encontramos uma maior sistematização e aprofundamento das atividades críticas. Selecionada a rede a ser abordada, precisamos definir os materiais a serem analisados, uma vez que as produções audiovisuais compartilhadas nos canais literários têm diversos formatos, como os *book hauls* (em que são apresentados livros recebidos por editoras, presentes de seguidores ou compras próprias, e sua característica principal é a abertura das embalagens em frente à câmera), as “tags literárias” (nas quais são respondidas uma série de perguntas sobre o mesmo assunto), as *lives* de leituras coletivas (estipuladas e realizadas juntos aos seguidores e apoiadores), entre outros. Nossa escolha foi por selecionar vídeos no formato “resenha literária”, pois nos parece que é neles que a apreciação estética se realiza de forma mais completa, uma vez que o *booktuber* analisa, interpreta, reflete e emite seu

juízo sobre uma obra literária, mobilizando nossa hipótese de pesquisa — seriam essas resenhas passíveis de ser entendidas como crítica literária?

Após avaliar diversos perfis, e diante da necessidade de trabalhar com um corpus reduzido para viabilizar a realização deste estudo, foi selecionado o *Literature-se*¹. O canal foi criado em 2010 por Mellory Ferraz Carrero (Mell Ferraz), que é bacharela em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestranda em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF). Dentre os cerca de 1000 vídeos catalogados no perfil desde sua criação, foram selecionados, ao final, 6 para constituir o corpus desta pesquisa. A triagem foi iniciada com as produções postadas após 2018, porque foi neste ano que Mellory se formou na graduação, assim como foi no triênio formado por 2019, 2020 e 2021² (323 vídeos) que as parcerias com editoras, autores e clubes de leitura se consolidaram como aspectos característicos da atividade crítica, possibilitando um tipo de profissionalização peculiar dos meios digitais: o financiamento coletivo. Os vídeos selecionados em seguida atenderam aos seguintes critérios: resenhas com duração mínima de 10 minutos que apresentassem aspectos típicos da atividade crítica realizada em rede social, ou seja, serem produtos do engajamento (o “hype” e o “hate”); seguirem o acordo de “publieditorial” (propaganda de editoras); efetuar um marketing pessoal da *booktuber*; ser resenha (abertamente) negativa. O último vídeo do corpus será analisado comparativamente a outras resenhas críticas publicadas em três reconhecidos meios de divulgação de crítica literária no país.

O objetivo geral que norteou a pesquisa foi analisar o exercício contemporâneo da crítica literária em meio digital, o qual se buscou atingir através dos seguintes objetivos específicos: refletir sobre o conceito de crítica literária; examinar a história de seu exercício no Brasil; estabelecer o *booktuber* como participante contemporâneo desta prática e pertencente à trajetória e formação do fazer crítico-literário brasileiro; examinar o conteúdo de resenhas selecionadas no corpus de pesquisa; sistematizar os dados coletados e confrontá-los com a hipótese de pesquisa levantada.

Para fundamentar teoricamente a pesquisa, tomamos inicialmente como referência a obra *O que é crítica literária?* de Fabio Akcelrud Durão (publicada em 2016). Complementarmente, consultamos também os livros *A análise literária* (Moisés, 2007), *O demônio da teoria* (Compagnon, 1999) e *(Novas) Palavras da crítica* (Jobim, 2021), para

¹ Após diversos levantamentos utilizando na pesquisa avançada certos termos-chaves e considerando perfis com mais de 100 mil seguidores, o *Literature-se* foi escolhido por atender melhor aos objetivos da pesquisa aqui desenvolvida: maior regularidade de postagens, maior interação com o público, resenhas com maior variedade de gêneros literários, existência de resenhas com “spoilers” (o que a deixa mais completa), menor quantidade de vídeos pessoais (como vlogs).

² O ano de 2022 foi descartado pela pouca frequência de postagens e por ter sido o momento de início desta pesquisa.

refletir sobre o conceito e a caracterização da crítica literária. Para embasar as reflexões sobre a crítica literária no Brasil, foi fundamental o livro *A crítica literária brasileira em perspectiva* (Cordeiro, 2013). Foi igualmente importante a discussão promovida pelo crítico literário Terry Eagleton nos textos *Teoria da literatura* e *Como ler literatura* (2006; 2017). Além disso, valemo-nos da obra *Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas* (Nina, 2007) para direcionar a análise do corpus.

A metodologia aplicada foi fundamentalmente exploratória, composta por pesquisa bibliográfica sobre crítica literária e seu desenvolvimento histórico no Brasil, acompanhada de uma pesquisa descritiva que teve como método a observação não participante referente a uma amostra de vídeos selecionados do canal do YouTube *Literature-se*, da *booktuber* Mell Ferraz, a partir da qual buscamos as concepções, os juízos de valor e a linguagem da autora em questão. Num segundo momento, recorreremos ao método comparativo para cotejar diferentes formatos de crítica literária, seja entre os subgêneros utilizados na própria amostra, seja entre a crítica tradicional e a crítica em meio digital.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

No primeiro tópico desta seção serão apresentados elementos do conceito de crítica literária e traçado um breve histórico do fazer crítico literário no Brasil. O tópico seguinte será uma reflexão acerca do papel de crítico literário desempenhado (também) pelo *booktuber* e para o estabelecimento desta atuação será empreendida uma análise comparativa entre resenhas de diferentes veículos críticos a respeito da obra “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis.

2.1 Crítica literária: conceito e breve histórico

O professor Massaud Moisés (2007, p. 14-15), ao diferenciar a crítica da análise literária, afirma que aquela deve ampliar o aspecto analítico, afinal, “analisar não é criticar. [...] a análise fornece à crítica os dados indispensáveis a que ela exerça seu mister judicativo [...] o poder de manipular juízos de valor, que constitui atributo da crítica literária.” Portanto, o julgamento está na raiz do fazer crítico e é em torno da conceituação desta apreciação, do estabelecimento de suas referências e limitações, assim como na inclinação sobre qual elemento ela deve se concentrar (se no autor, na obra, no público) que as teorias críticas desenvolvem suas concepções. Nabil Araújo (2021, p. 48), por sua vez, afirma: “Esta multiplicidade vertiginosa de perspectivas, produz, de um ponto de vista sincrônico e contemporâneo, uma situação em que a resposta do crítico às perguntas que lhe cabe responder em sua práxis confunde-se, ela própria, com uma complexa escolha [...]”. Tal eleição está relacionada com as possibilidades que os métodos de crítica literária podem

assumir, que são resumidas da seguinte forma (bem humorada) pelo crítico inglês Terry Eagleton (2006, p. 298):

Podemos discutir a infância asmática do poeta, ou examinar seu emprego peculiar da sintaxe; podemos perceber o roçar das sedas na sibilância do s, explorar a fenomenologia da leitura, relacionar a obra literária com o estado da luta de classes, ou descobrir quantos exemplares da obra foram vendidos.

Já o crítico belga Antoine Compagnon, em sua obra *O demônio da teoria* (1999, p. 21-22), vai ao encontro da necessidade que a crítica literária tem de ser exposta publicamente (e que foi apontada por Fábio Durão no início deste texto):

Por crítica literária compreendo um discurso sobre as obras literárias que acentua a experiência da leitura, que descreve, interpreta, avalia o sentido e o efeito que as obras exercem sobre os (bons) leitores, mas sobre leitores não necessariamente cultos nem profissionais. A crítica aprecia, julga; procede por simpatia (ou antipatia), por identificação ou projeção: seu lugar ideal é o salão, do qual a imprensa é uma metamorfose, não a universidade; sua primeira forma é a conversação.

Outro ponto a ser destacado neste trecho é a oposição “imprensa” versus “universidade”, pois ela constitui um capítulo importante na história do fazer crítico nacional iniciado nos séculos XVIII e XIX³. Nos anos 1920 e 1930 ocorrem dois fenômenos interessantes: o primeiro é que o jornal se destaca como principal veículo para a crítica literária; o segundo, que desde a criação do curso superior de letras na década de 1930, os estudos literários passam a ser atrelados à história da literatura nacional.

A crítica então prossegue a sua carreira entre nós nas décadas de 1940 e 1950. Instalada na superficialidade do jornalismo e rejeitada pelo ensino superior, continua a exercer-se como uma espécie de diletantismo erudito e elegante. A partir, contudo, do início dos anos de 1940 esse quadro começa a mudar: Afrânio Coutinho deflagra sua campanha a favor de uma ‘nova crítica’, ou seja, da necessidade de que a crítica literária supere improvisos e amadorismo, transformando-se numa especialidade universitária. (Souza, 2013, p. 24)

Assim, nos anos 1960 se percebe uma clara divisão entre a crítica jornalística (sem o poder de antes) e a crítica universitária (fortalecida com a consolidação dos cursos de letras e a implementação de cursos de pesquisa, mestrados e doutorados, especialmente após 1962, ano da reforma federal dos currículos universitários que introduziu a disciplina de “teoria da literatura”). Neste momento, constitui-se, segundo Roberto Acízelo de Souza (2013, p. 25), uma “reflexão abstratizante e universalista sobre o objeto dos estudos

³ Para o crítico José Veríssimo (Souza, 2013), a história da crítica literária no Brasil chega, antes dos românticos, nas academias literárias ainda no século XVIII. Para o professor Acízelo de Souza (2013), no entanto, antes do movimento romântico, não havia crítica como a conhecemos modernamente, porque o que realmente havia eram considerações feitas sobre as obras, tomando-se como molde a retórica e a poética clássicas. Assim, tratava-se “[...] antes de letrados peritos em aplicar uma legislação do que de indivíduos livres para o exercício pleno das faculdades de discernir e julgar, afinal constitutivas do que chamamos ‘crítico’ em sentido moderno [do século XIX]”. (Souza, 2013, p. 14).

literários”. E a disciplina voltada a esta reflexão recebeu o nome de “teoria” e não de “crítica” literária por este termo estar, segundo o teórico, muito associado à “crítica jornalística”.

Sobre a crítica contemporânea, Leda da Motta (2002, p. 198-199) ressalta uma característica miscigenada do exercício crítico-literário brasileiro ao afirmar que:

[...] o lugar da crítica [...] é hoje, de fato, indistintamente o periodismo (aí incluída a internet), as fileiras acadêmicas, a produção cultural, os próprios ateliês de criação, e inclusive os de tradução [...] reconfirma-se, contemporaneamente, pelas relações que um bom número de bons universitários entretém com a imprensa cultural, onde alguns são articulistas, e às vezes fixos, a exemplo de um Jorge Coli e de um Arthur Nestrovski [...]. E, inversamente, pelas relações que os segundos cadernos também entretém com as faculdades, veja-se a presença constante de um Marcelo Coelho ou de um Willer [...] em eventos acadêmicos. [...] Mas é justamente porque a nossa crítica se estende, hoje em dia, tão democraticamente, por tantos lugares, simbólicos como geográficos, igualmente possíveis, que nos parece que as melhores tensões têm de ser procuradas, daqui por diante, em outro lugar, ou o ponto nevrálgico, redefinido. [...] E que a guerra da universidade com o rodapé [...] já não dá conta do problema.

De fato, o que se percebe atualmente é uma ampla participação de professores universitários em veículos periódicos para a divulgação de conteúdo literário, seja ele específico (como a *Revista 451*) seja de grande circulação (como o jornal *Folha de São Paulo*). Além disso, outros aspectos podem ser apreendidos deste movimento, como a utilização de uma linguagem menos hermética (sem a utilização de conceitos e termos especializados) e a ampliação do conceito de literatura, o qual não mais abarca apenas autores clássicos ou escritores canônicos vindos do eixo EUA-Europa. Atualmente, a crítica de qualidade tem como objeto a *graphic novel*, o escritor preto, a obra com temática LGBTQIAP+, a produção literária de Timor Leste e até o autor *best seller*. O escopo do que é permitido ou pertinente para a análise se transformou no século XXI⁴.

Esta conjuntura contemporânea do fazer crítico literário se coaduna com duas noções anteriormente citadas que também envolvem a ideia de ampliação: a circulação da crítica e a esfera pública digital (internet). Fábio Durão (2016, p. 11) defende o seguinte: “A diferença maior [entre crítica e uma simples interpretação] reside no fato de que a crítica tende a implicar algum espaço concreto de veiculação e a consequente existência de um público leitor, de uma esfera pública na qual se inserirá [...]”. Ou seja, há a necessidade de meios para a circulação da crítica, pois, como completa o mesmo autor (Durão, 2016, p. 11): “É fundamental para a noção de crítica que ela mesma possa ser criticada”. Neste sentido, ela precisa ser exposta (veiculada) e lida (público leitor) para ser criticada. Visto que os

⁴ “[...] os cânones revelam-se como os maiores esteios de uma tradição euro/falocêntrica e racista, que privilegiou certas vozes em detrimento de outras na construção dos paradigmas de referência e de valoração estética. O texto literário passa a ser avaliado em relação com outras manifestações culturais, sem o privilégio concedido pela ‘literariedade’, e os critérios valorativos/judicativos passam a oscilar a partir do locus de enunciação do comparatista. Isso não implica na falência da crítica literária [...], mas sim na tomada de consciência de que os valores que pautam a crítica literária não são absolutos.” (Alós, 2012)

termos exposição e opinião estão atrelados e são facilitados em espaços específicos da rede mundial de computadores, as redes sociais, passa-se, então, à análise do trabalho do produtor de conteúdo literário na plataforma (e rede social) YouTube. Trata-se de um exercício crítico-literário contemporâneo singular, pois reúne as características relacionadas anteriormente neste texto: conta com a participação de universitários, comenta obras de diversos gêneros e ocorre numa vasta área pública onde qualquer um pode se posicionar.

2.2 O booktuber como crítico literário

Ao refletir sobre a necessidade que a universidade, principalmente a pública, tem de contribuir para o desenvolvimento da sociedade em que está inserida, Fabio Durão (2020, p. 87) insere um outro argumento que vem a contribuir para o desenvolvimento deste artigo:

Uma figura capaz de realizar a sua conciliação [entre a universidade e sociedade] seria a do *intelectual público*, aquele indivíduo que, familiarizado com o estado da arte de sua disciplina, consegue levá-la a um público mais amplo e influenciá-lo (Com efeito, há uma série de outros possíveis atores na relação entre progresso imanente à pesquisa e demanda social).

Pôde-se notar a atuação deste “intelectual público” ou do divulgador científico na recente pandemia de Covid-19, por exemplo, em que muitos biólogos e pesquisadores da área da saúde utilizaram principalmente as redes sociais para recomendar medidas sanitárias, como o uso de máscaras, esclarecer dúvidas sobre a vacina etc. O professor e pesquisador da Unicamp, Paulo Franchetti (2021), igualmente defende a importância do divulgador científico também nas ciências humanas, quando afirma que sua atuação, mesmo nos meios digitais, deve ser incentivada, ainda que sofra o processo de “saganização”⁵ dos seus colegas acadêmicos. Ele (Franchetti, 2021, p. 83) percebe que há um interesse do público em geral pelo conhecimento e por isso o surgimento em “[...] profusão de *blogs*, grupos de Facebook, revistas eletrônicas, canais do YouTube, páginas do Instagram e sites dedicados ao debate sobre literatura, filosofia e outros campos das humanidades”.

Embora ainda desvalorizados pelas instituições de ensino, mais e mais profissionais da universidade estão se abrindo para a divulgação de suas pesquisas e dos conhecimentos que adquiriram nos espaços universitários. Pode-se considerar como parte deste movimento o *booktuber* formado na área de Letras/Literatura que cria um canal na plataforma YouTube tanto para, inicialmente, expor sua rotina de estudos, conteúdos programáticos das disciplinas do curso universitário, ensinar um conteúdo teórico ou apresentar uma pesquisa (artigo ou TCC) que tenha desenvolvido, quanto, posteriormente (ou, conjuntamente, ao

⁵ “[...] termo originado do fato de que a [o astrônomo] Carl Sagan foi negado o ingresso na Academia Norte-Americana de Ciências por conta de ele ter criado a série *Cosmos* e assim se ter celebrado como divulgador científico.” (Franchetti, 2021, p. 82)

longo da formação), divulgar resenhas literárias consistentes e reflexivas. É o caso do canal *Literature-se* aqui analisado.

A “periodização” verificada no fazer crítico em voga hoje, com o mencionado aumento da participação de professores universitários em veículos periódicos, revela também que há preceitos indicados para a produção de textos críticos destinados a suplementos literários em jornais e revistas que guardam grande semelhança com a forma como o *booktuber* cria, fundamenta e transmite seu conteúdo.

A crítica literária Cláudia Nina (2007) defende que um resenhista deve diversificar as obras que critica, alternando entre clássicos e contemporâneos, assim como entre autores nacionais e estrangeiros. Ainda segundo a autora, a resenha crítica é aquela reflexiva, que pode ou não ser também teórica, mas que sempre considera diferentes caminhos de investigação, inclusive considerando o gosto pessoal.

Sem ele, a resenha fica objetiva demais e se esvazia quanto à imaginação e à criatividade. Esses são ingredientes que devem ser bem dosados no preparo do texto. Há elementos do impressionismo crítico que não podem ser desprezados, como a empatia entre a obra e o crítico, além da intuição, ou seja, a percepção de que um autor é bom ou merece ser esquecido. Desde que não se perca de vista a objetividade (para manter o leitor preso ao texto) nem a clareza (para evitar os nós de interpretação) [...]. (Nina, 2007, p. 54)

Por fim, para elaborar uma boa resenha crítica, Nina (2007) enumera algumas recomendações: utilizar um vocabulário variado, evitar o excesso de repetições em geral e de adjetivos em particular, manter um equilíbrio na variação linguística diafásica (não ser nem formal demais nem utilizar um tom exageradamente coloquial), organizar os temas a serem desenvolvidos de modo conciso e objetivo para evitar discursos confusos, que gerem dificuldades de compreensão, e, por fim, a resenha deve ser complementada pelo diálogo com outros textos, seja do próprio autor ou de outros escritores e contextos sociohistóricos, para serem analisados conjuntamente.

Para melhor compreensão da qualidade da resenha crítica elaborada por Mell Ferraz no canal *Literature-se*, são analisados a seguir seis vídeos. O vídeo “‘O peso do pássaro morto’ e ‘Pequena coreografia do adeus’ // Aline Bei” (Ferraz, 2021b) é um exemplo de envolvimento no “hype” literário do momento, que, neste caso, foi o que se criou no ano de 2021 em torno da escritora Aline Bei. Segundo o dicionário Merriam-Webster (2023), a definição de “hype”, em sua língua de origem, é “promotional publicity of an extravagant or contrived kind”, em tradução livre, publicidade promocional de um tipo extravagante ou superficial. Este tipo de propaganda, no *booktube*, pode ser impulsionado por uma editora, para promover seu lançamento mais recente, ou pode ser uma ocorrência de certa forma espontânea, como quando vários *booktubers* decidem comentar o mesmo livro. Este último

foi o caso de *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei. O “hype” aconteceu e o canal *Literature-se* participou do episódio. Em sua resenha, Mell Ferraz realiza uma análise conjunta das duas obras da autora mencionadas no título do vídeo. De maneira bastante objetiva, a *booktuber* (Ferraz, 2021b) faz uma descrição do enredo, comenta as divisões da narrativa e da caracterização dos personagens e destaca informações externas que fizeram parte do processo criativo de escrita. O que se destaca neste vídeo, em relação à construção do texto e de sua linguagem, é que o produto final foi claro e bem articulado, enriquecido com pesquisas sobre autor/obras, tudo sem qualquer excesso de adjetivos, que seria, por exemplo, uma característica do entusiasmo provocado pelo fenômeno descrito.

O “hate”, nas redes sociais, refere-se ao sentimento de ódio gerado por alguma postagem, enquanto o “hater” é o responsável por comentários agressivos e insultuosos. Qualquer criador de conteúdo, em qualquer rede social, sabe que está exposto ao “hate”, que vai muito além da discordância. O “hater” é ofensivo e se aproveita da distância e do anonimato das redes sociais para ameaçar, insultar, provocar e difamar, atitudes que podem ser enquadradas como crime. Nos últimos anos, seja devido à radicalização da polarização política, seja por causa da ausência de regulamentação destes espaços (e a consequente falta ou dificuldade de punição), vêm aumentando a quantidade e o tom de agressividade dos comentários negativos e os usuários de redes sociais percebem a dificuldade em tratar de algumas pautas que ficaram conhecidas por serem “geradoras de *hate*”, como a defesa de direitos da comunidade LGBTQIAP+ ou a pauta feminista, que é um dos alvos mais comuns (e mais antigos) de grupos religiosos e conservadores/reacionários que, hoje, atua na internet. Por isso, quando Mell Ferraz posta o vídeo “SIMONE DE BEAUVOIR: UMA VIDA – LI A BIOGRAFIA DESSA FILOSOFA POLÊMICA!” (Ferraz, 2020a), ela diz: “Sempre que eu falo sobre feminismo aqui no *Literature-se*, chove de comentários maldosos [...], tentando contestar o que eu falo com base em achismos e preconceitos”. E de fato, mesmo tendo a resenha crítica sido elaborada sem enaltecimentos, o vídeo recebeu comentários negativos que não eram simples discordâncias em relação a pontos da obra analisada, mas sim comentários de ódio, voltados à personagem e a *booktuber*⁶. Em relação a Simone de Beauvoir: “Ela era aliciadora de menores e outros adjetivos ruim que não vou escrever” (*sic*); “Era também nazista e praticamente de pedofilia. Tirando estas duas coisas era legal” (*sic*); “Era cafetina”; “Não leiam essa mulher!!!!”. Em relação a Mell Ferraz: “Vcs feministas defendem tanto a vítima, pois uma das vítimas escreveu um livro dos abusos da Simone e vcs não levam a sério? Defendem a pedófila?” (*sic*); “Já parei de te seguir”. E contra as duas: “Deveria se envergonhar de gravar um vídeo desse e de dizer que estudou muito sobre a vida dela. Uma mulher que na verdade era uma pedófila, abusada de menores, e

⁶ Os comentários do vídeo (Ferraz, 2020a) aqui reproduzidos foram acessados no dia 11 de abril de 2023.

que teve sua licença para lecionar revogada de forma permanente. [...]”. Assim, nota-se a linguagem insultuosa em que argumentos falhos são proferidos.

Apesar dos inconvenientes, o criador de conteúdo na internet também ganha. No caso do YouTube, o perfil monetiza a partir das horas de conteúdo assistido, as chamadas “visualizações”, que sofre influência do número de inscritos no canal. O mínimo de 1 mil inscritos e de 4 mil horas de conteúdo assistido em 1 ano já garante a possibilidade de lucrar com postagens na rede social (Borges, 2023). Ademais, há outras opções vantajosas, como a permissão para veiculação de anúncios durante a exibição dos vídeos, por exemplo. Mas, além da monetização oferecida pelo próprio YouTube, podem ser oferecidos também um financiamento coletivo externo, com a utilização de plataformas para este fim, ou a disponibilização de links comissionados de livrarias e sebos online que, ao serem utilizados, fazem com que uma porcentagem do valor seja direcionada para quem o divulgou. Há também a chamada “publieditorial”, isto é, a parceria direta com escritores e editoras. O vídeo sobre o livro *Matadouro-cinco*, de Kurt Vonnegut (Ferraz, 2019a), é uma “publi”. Cláudia Nina (2007) entende esta aproximação, típica do mercado editorial, como algo comum. Ao comentar a relação entre editora e jornal, ela diz: “Muitos assessores ligam insistentemente para as redações na tentativa de vender seu peixe. Fazem certo. Como são centenas de livros e a equipe é quase sempre pequena, pérolas costumam passar despercebidas” (Nina, 2007, p. 43). Mell Ferraz fez diversas parcerias ao longo da história do *Literature-se* e percebe-se que, mesmo sob o viés compulsoriamente positivo da propaganda, houve um espaço para a demonstração da individualidade do crítico-*booktuber*. Por isso, apesar das recomendações de Cláudia Nina (2007) para que a resenha seja o mais objetiva possível, com controle no uso dos adjetivos, e para que se evite o tom subjetivo, Mell Ferraz conseguiu transformar estes elementos, a princípio desfavoráveis, em argumentos consistentes para sua resenha. Nesse sentido, ela consegue demonstrar sua apreciação pela obra formulando alegações que se sustentam nas citações de trechos que as corroboram, enquanto discute a construção não linear da narrativa, reflete acerca dos personagens, dentro do contexto histórico de que trata o livro (Segunda Guerra Mundial), e critica o foco narrativo priorizado pelo autor. Enfim, o livro “[...] conversou comigo de uma forma crítica do começo ao fim e de diversas formas, [...], através de várias camadas. Eu gosto muito disso, dou valor bastante aos livros que me fazem pensar, que me fazem ser muito mais crítica e com certeza esse livro o fez” (Ferraz, 2019a).

O vídeo-resenha (5) de *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde (Ferraz, 2020d), apresenta um aspecto típico de outras produções de *booktubers*: trata-se de uma resenha crítica combinada com marketing pessoal. Isto porque, além de resenhar o livro em questão, comentando o enredo e os personagens, complementados pelo contexto singular de

publicação da obra (censura e diferentes versões), Mell Ferraz também divulga dois potentes recursos para promover o engajamento no canal: a leitura e o financiamento coletivos. As leituras coletivas são *lives* (vídeos com transmissão ao vivo) de duração média de uma hora e meia, que são estipuladas e realizadas juntos aos seguidores e apoiadores do canal. São vídeos públicos com participação livre. A criação deste tipo de vídeo foi bastante ampliada na pandemia porque era um incentivo e apoio a medidas de isolamento social. É necessário dizer que eles geram visualizações e demais engajamentos que rendem ao canal. Quanto ao financiamento coletivo do *Literature-se*, seu lançamento foi dia 17 de agosto de 2020, em postagem com o título “Ajude o canal: seja um *madrinho*” (Ferraz, 2020c). Enquanto neste vídeo é apresentada uma justificativa mais detalhada para se manter o “projeto *Literature-se*”, especialmente na pandemia (cobertura de gastos com tempo de serviço em pesquisa e leitura, custo de equipamentos e despesas de consumo, como luz e internet etc.), no vídeo 5 ela reforça as vantagens em apoiar a iniciativa apresentando a resenha de um livro que foi leitura coletiva aberta, mas que gerou também recompensas limitadas aos apoiadores “madrinhos”, como podcast de leitura conjunta (no qual ela lê a meta diária estipulada em cronograma prévio e faz comentários), disponibilização de “chat” fechado em rede social para conversas diretas, envio de livros (brindes) via sorteio e de *newsletters* literárias, dentre outros benefícios. Trata-se de uma nova circunstância produtiva (laboral e remunerada), uma vez que o crítico literário *booktuber* não possui nem vínculo de emprego num veículo de imprensa (jornal ou revista), nem a estabilidade de uma condição docente (ou discente) em instituição de ensino superior.

Como afirma Cláudia Nina (2007, p. 53), “É tarefa do crítico ressaltar os pontos fracos de uma estrutura literária. Resenha que só elogia não funciona nem cumpre seu papel”. Aspectos desfavoráveis e problemas existentes (de revisão, de tradução etc.) são apontados em diversos vídeos do *Literature-se*, pois compõem a análise geral de qualquer obra. Mas há casos em que a resenha é predominantemente negativa, como no vídeo “Não me conectei ao livro – *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera” (Ferraz, 2020b), em que a avaliação desfavorável fica explícita logo no título. Apesar de Mell Ferraz restringir o conceito de resenha negativa àquela em que a leitura do livro não é indicada, a definição considerada neste artigo se constitui da insatisfação do resenhista e da prevalência de aspectos avaliativos questionáveis no texto, como incongruências no desenvolvimento da narrativa e falhas na caracterização dos personagens. Mesmo que aspectos interessantes tenham sido apresentados, como a associação de alguns de seus elementos com temas filosóficos, o progresso de alguns personagens e a escrita, ainda que envolvente, de partes da história, resultou numa “narrativa fragmentada”, entre enredo e reflexão, a qual foi

reiteradamente retratada como problemática e controversa, o que, ao final, acabou desagradando.

2.3 Uma análise comparativa: resenhas de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, em diferentes veículos críticos

Após estabelecer e caracterizar o fazer crítico do produtor de conteúdo literário na internet (especificamente na rede social YouTube), faz-se necessário, neste momento, posicionar este criador na cena crítica (literária) contemporânea brasileira. Para tanto, será apresentado a seguir um exame comparativo entre resenhas da obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, realizadas pelo canal *Literature-se* (Ferraz, 2019b) e por três veículos de imprensa: o suplemento literário (Caderno Mais/Ilustríssima) do jornal *Folha de São Paulo*, a *Revista 451* e o *Jornal Rascunho*.

Em sua crítica para o jornal *Folha de São Paulo*, o escritor e ensaísta Luís Augusto Fischer (2018) comparou dois lançamentos literários da época, que tratavam do mesmo tema: a escravidão. Eles são *A cabana do pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, e *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Sobre o exemplar nacional, objeto de discussão deste artigo, percebe-se que ambos os críticos, Luís Fischer (2018) e Mell Ferraz (2019b), concentram-se no elemento “enredo” que compõe a macroanálise da crítica literária. Conforme ensina o professor Massaud Moisés (2007, p. 36):

Há que considerar a existência de dois tipos, ou processos, fundamentais de análise literária [...]: *análise microscópica*, ou da microestrutura literária [linguagem], e *análise macroscópica*, ou da macroestrutura literária [enredo, personagens etc]. No primeiro caso, a atenção converge principalmente para as minúcias da obra. No segundo, encara-se a totalidade da obra, poética, em prosa ou teatral. Os dois processos se completam, porquanto a microanálise deve forçosamente levar à macroanálise, e esta assenta obrigatoriamente sobre os pormenores, ao menos quando se trata de exemplificar.

Igualmente apontado anteriormente pelo mesmo autor (Moisés, 2007), a análise literária integra a crítica literária, por isso tanto Fischer quanto Ferraz apontam a simplicidade do enredo principal para desenvolver suas respectivas considerações: o enredo é “bastante simples, direto ao ponto”, para a *booktuber* (Ferraz, 2019b), e “o livro de Firmina tem uma fraquíssima trama romântica em primeiro plano, envolvendo um casal de brancos”, para Fischer (2018). O resenhista destaca a presença dos relatos dos escravizados (“vozes” que também foram apontadas por Mell) e a ausência destes pontos de vista no cânone nacional (“Susana repassa sua história com detalhes de todo ausentes da literatura canônica do período”, diz Fischer). Quanto a aspectos desfavoráveis relativos à macroanálise crítica, Fischer (2018) sinaliza para a “obscuridade do enredo de *Úrsula* (algo como um gótico truncado)” e Ferraz (2019b) para alguns problemas no desenrolar da trama:

[...] e alguns detalhes também que não são explicados, como as fazendas aqui, do que vivem? É dito que todos os escravos trabalham em uma das fazendas até de madrugada, de uma forma a deixá-los exaustos, mas como? Em quê? Eles trabalham no escuro na plantação até de madrugada? Como que isso é feito? Do que vivem os personagens principais? Não se sabe, não é falado aqui. E também outro ponto que eu quero levantar em relação ao final: eu não achei ele nada nada coerente, também tem uma personagem que aparece no começo do livro e que só volta a aparecer no final, mais como uma lição de moral então[...] o *timing* aqui, ele não é bom, pelo menos não na minha leitura.

Estes questionamentos em relação ao romance também incomodam e são, inclusive, exemplificados por Fischer (2018):

Um exemplo sólido [da “obscuridade do enredo de Úrsula”]. Na cena inicial de Úrsula, um cavaleiro cai de seu cavalo e é socorrido por um jovem, que constata feliz que o cavaleiro não morreu. Então a voz narrativa o apresenta: era um pobre rapaz, com seus 25 anos e coração nobre; “o sangue africano refervia-lha nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão”. Firmina deverá ter pesado talvez muitas vezes as palavras para produzir essa tortuosa frase, que deixa o leitor em dúvida: ele se ligava à escravidão? Como? Em que ponta da corda estava? Bem, o jovem era um escravo. No Brasil, não obstante a brutalidade óbvia da escravidão, as palavras parecem não conseguir dizer as coisas claramente, nem então nem hoje.

Mas mesmo que *Úrsula* tenha uma “timidez cognitiva e (sua) limitação formal” (Fischer, 2018), Fischer considera que ele e *A cabana do pai Tomás* “[...] precisam ser lidos e relidos como tarefa coletiva de reconhecimento e purgação”. Mell (Ferraz, 2019b) defende que:

esse livro aqui ele deveria ser trabalhado, ou pelo menos discutido, em sala de aula. Porque ele é justamente importante enquanto fazendo a reconstituição da nossa identidade, certo? [...] por essas e outras é que fico bastante feliz de apresentar esse livro pra vocês se você ainda não conhece a história recomendo fortemente a leitura dela.

A *Revista 451* se propõe a publicar entrevistas, reportagens e resenhas críticas de livros. Deste veículo, foi escolhida a resenha da jornalista Yasmin Santos (2022). Os textos (de Santos e de Mell Ferraz) apresentam parte da biografia da escritora, o contexto histórico de publicação da obra e o fato de Maria Firmina ter dado voz aos personagens pretos, sempre secundários no contexto de escrita da época. Ambas as críticas tratam da caracterização dos personagens em suas respectivas macroanálises, destacando a divisão em principais e secundários, além de ressaltarem a necessidade de inclusão da autora no cânone literário brasileiro, ao denunciarem seu apagamento.

O *Jornal Rascunho* é composto fundamentalmente por textos ficcionais (poemas, crônicas etc.) e por ensaios e resenhas críticas de obras contemporâneas, lançamentos ou não, e clássicos. Na resenha que fez para o Jornal, o professor do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Henrique Marques Samyn (2019), argumenta que, mesmo com os lançamentos de edições de *Úrsula* por diferentes editoras

na época e a publicação de trabalhos de pesquisa sobre autora e obra (como o livro do sociólogo Rafael Balseiro Zin), Maria Firmina dos Reis permanece desconhecida tanto para o grande público quanto para a academia. Em comum com a crítica realizada por Mell Ferraz (Ferraz, 2019b), há a categorização em relação à estética romântica. O contexto em que se insere uma obra literária é um dos elementos (extrínsecos) que devem ser considerados na análise, segundo recomenda o professor Massaud Moisés (2007), sendo os outros, para esclarecimento, os elementos formais e intrínsecos. Uma tentativa de relacionar texto e contexto, amplamente utilizada no ensino de literatura nas escolas, é classificar as obras em movimentos estéticos e estilos de época. Assim como é utilizado para complementar o exame do livro, este recurso, no caso da *booktuber*, amplia o diálogo com seu público, também formado por estudantes, e atende à performance característica do intelectual público já citada. Neste sentido, o romance:

[...] envereda por sendas tipicamente românticas — ao narrar o imprevisto envolvimento da jovem Úrsula em um triângulo amoroso que tem, nos outros vértices, o amargurado estudante Tancredo e o pérfido comendador Fernando P. [...] O modo como a escritora maneja elementos característicos da estética romântica, no que diz respeito à representação da natureza, à construção dicotômica das personagens e à exacerbação patética, revela-se invariavelmente vinculado a um compromisso ético fundamental que perpassa toda a obra, determinando a visão de mundo que lhe é particular. (Samyn, 2019)

Ele [o livro] é tipicamente romântico, do romantismo mesmo. [...] Não apenas na construção dos personagens, então a mocinha é mocinha, o mocinho é mocinho, o vilão é vilão mesmo. Aliás, Úrsula é a santa que apresenta a virgindade, então nós temos essa mocinha [que] é vítima de tudo, é a donzela, é a santa virginal. Então, tudo aqui característico do Romantismo. E a natureza aqui, ela é exuberante, está todo momento presente e tira o fôlego. Há todo um drama também, a linguagem, ela é toda dramática e própria do Romantismo. Então, esse livro aqui se encaixa perfeitamente nessa escola literária. (Ferraz, 2019b)

Com o intuito de complementar a análise comparativa proposta neste tópico, cumpre destacar que Mell Ferraz ainda examinou de forma meticulosa outro aspecto de *Úrsula*: a linguagem utilizada no texto. Como salienta Terry Eagleton (2017, p. 41), “O que todas [...] [as] estratégias críticas têm em comum é uma acentuada sensibilidade à linguagem. Mesmo os pontos de exclamação podem merecer algumas frases de comentário crítico”.

Falando de linguagem, uma coisa que me incomodou aqui, é que todos os personagens, seja a Sinhazinha, seja o escravo, qualquer pessoa, fala exatamente da mesma forma e isso não é tão coerente, digamos. Também o excesso de exclamações, de interrogações, de pontuação no geral, que transmitem justamente uma dramaticidade muito grande [é...] pra mim é um pouco assim em demasia. (Ferraz, 2019b)

Mesmo recomendando a leitura do romance, a *booktuber* procurou esclarecer a razão que a fez tecer estes julgamentos negativos a respeito da obra, numa adaptação do discurso ao contexto de exposição na rede social: “É claro que eu sou crítica, [...] Não é porque você encontrou algumas coisas que te desagradem numa história, que vai

transformar esse livro justamente em algo ruim para sua experiência de leitor” (Ferraz, 2019b). Como conclui a resenhista da *Folha de São Paulo*, Juliana de Albuquerque (2023), a tarefa do crítico “[...] não é simplesmente a de emitir uma opinião, mas a de nos ensinar a ler melhor e mais diligentemente, prestando atenção aos detalhes que causam desconforto em um texto, nos habilitando a emitir uma opinião própria sobre os livros [...]”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ter contribuído para a discussão em torno da crise pela qual estaria passando o campo da crítica literária, provocação esta incentivada por Fabio Durão em sua obra *O que é crítica literária?* Procuramos, neste artigo, explorar a situação dos meios de circulação da crítica e sugerir que, talvez, a “ponte” que possa ligar os dois extremos, onde se colocam de cada lado a academia e o jornal, seja a atuação de um distinto ator, inserido num novo quadro cênico que se constituiu nas últimas décadas. Este ator seria o produtor de conteúdo, que atua na esfera pública digital.

Para tanto, selecionamos a *booktuber* Mell Ferraz, que em seu canal *Literature-se*, na plataforma social YouTube, apresenta produções audiovisuais cujos roteiros são construídos a partir de conteúdos rigorosa e meticulosamente fundamentados, afastando-se da complexidade e da linguagem hermética da crítica acadêmica, mas não resvalando para a superficialidade de sinopses de enredo nem se restringindo a campanhas publicitárias de editoras (ou autores). São textos que podem ser considerados, portanto, crítica literária. A análise comparativa entre as resenhas literárias da obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, foi uma maneira de demonstrar a qualidade do trabalho realizado pela *booktuber* que, como visto, equipara-se com o de outros resenhistas, os quais, no entanto, são comumente (mais ou unicamente) reconhecidos na realização da atividade crítica.

Além do importante papel representado pelo intelectual público, que por si só é capaz de fazer a ligação entre a academia e o público em geral, este novo protagonista, atuando neste cenário que a internet simboliza (a reiterada esfera pública digital), acrescenta novos aspectos ao fazer crítico: a proximidade e o financiamento.

Quando um leitor/assinante não gosta ou não concorda com alguma resenha, ele escreve para o jornal. A dita insatisfação passa por uma triagem e pode ou não chegar até o resenhista. No caso da crítica acadêmica, o caminho até o autor do texto pode ser ainda mais complicado, pois poderá demandar o desenvolvimento de pesquisa para que se estabeleça a “crítica da crítica”. Na internet, há uma relação direta de comunicação e, assim, um acesso muito maior ao crítico. Este movimento de aproximação é contraditório, uma vez que a rede social demanda determinados comportamentos para que toda sua estrutura se mantenha ativa e funcionando. Tais comportamentos são determinados pelos algoritmos de

constituição de cada plataforma e estão relacionados, na prática, a determinadas ações que devem ser perpetradas pelos usuários, como curtidas, compartilhamentos e comentários em cada postagem. Quanto mais participação, mais engajamento, e, conseqüentemente, mais renda para o mantenedor do canal ou perfil, mas, também, maior exposição e maior probabilidade de ocorrência de comentários ofensivos e ilegais perpetrados pelos citados “haters”.

A monetização é outro elemento a ser destacado. O financiamento da atividade crítica num periódico ou numa universidade depende da remuneração estipulada para os respectivos profissionais contratados: jornalista e docente. No *booktube* há uma considerável atividade monetária que envolve e, muitas vezes, determina a produção e a recepção da crítica literária contemporânea, de modo que se crie a possibilidade de uma profissionalização independente neste ambiente. Como Mell Ferraz, outros produtores de conteúdo no meio digital mantêm a função crítica que desempenham a partir dos rendimentos fornecidos direta e indiretamente pela rede social. Esta reflexão sugere que a lógica de mercado que atua neste cenário se constitui em fator relevante e essencial nos futuros estudos sobre a crítica literária digital.

A intenção deste artigo não foi eliminar atores, mas, sim, mostrar que cada um tem seu espaço e seu propósito, além de reforçar que todos têm qualidade crítica. Objetivou também a análise acerca do exercício contemporâneo da crítica literária em meio digital, de modo a mostrar ser válido o desempenho do *booktuber* como um ator atual desta prática, assim como incorporá-lo à trajetória e formação do fazer crítico-literário brasileiro. Faz-se necessário reforçar que a natureza deste trabalho foi o estudo de caso, sendo, portanto, sua finalidade não o de analisar a atuação de todos os *booktubers*, sequer de outros que desempenhem a mesma atividade. Como já delimita o título, pretendeu-se analisar apenas e tão somente o caso do *Literature-se*, até porque não haveria espaço neste artigo, nem tempo suficiente para uma pesquisa de maior fôlego que abarcasse mais de um canal. De qualquer forma, a hipótese foi comprovada. As próximas pesquisas, que considerem perfis/canais em outras redes sociais (como o Tik Tok), tomando por base outras categorias analíticas, e que tenham condições de desenvolver um escopo analítico maior, permitirão ampliar as conclusões sobre a prática da crítica literária na internet. Fica estabelecido, assim, um novo convite para a elaboração de produtivas discussões.

4. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Juliana de. **Desafios de escrever sobre livros de que não gostamos. Folha de São Paulo**, 01 jun. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliana-de-albuquerque/2023/06/desafios-de-escrever-sobre-livros-de-que-nao-gostamos.shtml>>. Acesso em. 02 jun. 2023.

ALÓS, Anselmo Peres. Literatura comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas. **Organon**, Porto Alegre, v. 27, n. 52, 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/33469>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

ARAÚJO, Nabil. Crítica literária. In: JOBIM, José Luís *et al.* (org). **(Novas) Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. p. 44-64.

BORGES, Claudia. Como ganhar dinheiro no YouTube? Veja 10 dicas práticas e eficazes! **Mobills**, 03 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.mobills.com.br/blog/ganhar-dinheiro/como-ganhar-dinheiro-no-youtube/>>. Acesso em. 26 abr. 2023.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 11-28.

CRÍTICO. In: INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Houaiss Eletrônico**. São Paulo: Objetiva, 2009.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **O que é crítica literária?** São Paulo: Nankin Editorial: Parábola Editorial, 2016.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020. p. 81-100.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 1-24; 293-328.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2017. p. 3-41.

FERRAZ, Mell. **Dos melhores livros da vida: Matadouro-Cinco, de Kurt Vonnegut**. YouTube, 22 de março de 2019a. Disponível em: <<https://youtu.be/e0BXKcHCnRE>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FERRAZ, Mell. **Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. YouTube, 21 de novembro de 2019b. Disponível em: <<https://youtu.be/oCiBd6M2OZ4>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FERRAZ, Mell. **Simone de Beauvoir: uma vida – li a biografia dessa filósofa polêmica!** YouTube, 11 de abril de 2020a. Disponível em: <https://youtu.be/Ky_F7YG7lqk>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FERRAZ, Mell. **Não me conectei ao livro – A insustentável leveza do ser, de Milan Kundera**. YouTube, 25 de junho de 2020b. Disponível em: <<https://youtu.be/SwUxNMxFk74>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FERRAZ, Mell. **Ajude o canal: seja um madrinho**. YouTube, 17 de agosto de 2020c. Disponível em: <https://youtu.be/CJgPV1PMH_Y>. Acesso em 26 abr. 2023.

FERRAZ, Mell. **O retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde**. YouTube, 3 de outubro de 2020d. Disponível em: <<https://youtu.be/eusXbhx31rk>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FERRAZ, Mell. **O projeto - Literature-se: Canal, Podcast e Instagram: sua comunidade literária!** (2021a). **Catarse**. Disponível em: <https://wp.catarse.me/literaturesse?ref=ctrse_explore_featured>. Acesso em: 13 abr. 2023.

FERRAZ, Mell. **"O peso do pássaro morto" e "Pequena coreografia do adeus" // Aline Bei**. YouTube, 6 de agosto de 2021b. Disponível em: <<https://youtu.be/CTWdLuhQRdc>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FISCHER, Luís Augusto. **Relançados, romances da época da escravidão merecem ser lidos e relidos. Folha de São Paulo**, 8 set. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/09/relancados-romances-da-epoca-da-escravidao-merecem-ser-lidos-e-relidos.shtml>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

FRANCHETTI, Paulo. **Sobre o ensino de literatura**. Verbete Crítica. Junho de 2009. São Paulo: Editora Unesp, 2021. pp. 53-91.

HYPE.*In*: MERRIAM-WEBSTER. **Dictionary (online)**. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/hype>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 13-24.

MOTTA, Leda Tenório da. **Sobre a crítica literária brasileira no último meio século**. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p. 81; 189-203.

NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus, 2007.

SAMYN, Henrique Marques. **Icônica e desconhecida. Jornal Rascunho**, edição 234, outubro de 2019. Disponível em: <<https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/iconica-e-desconhecida/>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SANTOS, Yasmin. **Fértil como terra preta. Revista 451**, edição 63, 01 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/literatura-negra/fertil-como-terra-preta>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SOUZA, Roberto Acízelo de. A crítica literária no Brasil oitocentista: um panorama. *In*: CORDEIRO, Rogério *et al.* (org). **A crítica literária brasileira em perspectiva**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013. p. 13-27.

Contatos: maritsacosta@gmail.com e maria.moreira@mackenzie.br